



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: RECICLAGEM PRODUTO DO CONSUMISMO

Catarina Teixeira ¹

RESUMO

Várias práticas de Educação Ambiental na escola, tem como tema central a questão do lixo. Neste trabalho pretende-se discutir sobre a reciclagem ser um produto gerado pelo consumismo, para compreender essa questão dialogou-se com autores que aproximaram suas discussões ao marxismo, com intuito de refletir se com o surgimento do capitalismo ocorreu uma mudança do homem em relação ao sentido da Terra e como isso gerou o consumismo. Devido ao consumo exacerbado induzido e produzido pelo sistema societário vigente (capitalismo), surge a reciclagem como algo que poderá minimizar os impactos ambientais produzidos pelo aumento do lixo. Porém o problema vai além de reciclar, é necessário refletir e questionar a necessidade do consumo exagerado e a vida útil dos produtos, pois os bens de consumo têm se tornado obsoletos rapidamente e cada vez mais se tornam funcionalmente inúteis após saírem das fábricas. Com isso, é necessário conduzir uma educação ambiental como base de enfrentamento ao desejo de consumo ostentada pelo capitalismo. É necessário trabalhar uma educação ambiental crítica que questiona e reflete o modelo societário atual.

Palavras-chave: Educação ambiental, Consumismo, Reciclagem.

INTRODUÇÃO

Para a compreensão do processo social que vivemos com agressões ao meio ambiente, no sentido de apropriação desmedida e desrespeitosa, é necessário o estudo da estrutura da subjetividade humana e os modos de interação social. Assim sendo, sabe-se que o sujeito é determinado pelos vínculos sociais em geral e pelo papel econômico na busca de maximizar o prazer.

Apropriação do meio ambiente de forma desmedida e desrespeitosa gerou uma crise socioambiental, que se origina de uma concepção antropocêntrica e utilitarista sobre a natureza e é resultado do modelo concentracionista de capital e do crescimento econômico ilimitado (GUIMARÃES, 2004).

Entende-se que estamos em um período de crise, porque o modelo de sociedade de nosso tempo não mais se sustenta, explica e/ou resolve os problemas criados por ele próprio; todavia, trata-se também de um período de possibilidades e alternativas.

Encontrar formas que contribuam para ampliar a percepção das pessoas sobre os problemas ambientais, suas razões, surgimento e efeitos, se mostra uma necessidade

¹ Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, catarina.teixeira@uftm.edu.br



fundamental, em busca de uma ética e de uma consciência ambiental capazes de equilibrar a relação entre homem e meio ambiente. Por outro lado, um dos lugares em que essas questões deveriam ser foco central dos trabalhos, a escola, por meio da Educação Ambiental (EA), ainda não a incorporou ao seu cotidiano de forma permanente.

As atividades de Educação Ambiental ficam restritas a ações em dias comemorativos e trabalhos pontuais; como horta, coleta seletiva e reciclagem. Segundo Layarargues (2005), o lixo vem sendo apontada pelos ambientalistas como um dos mais graves problemas ambientais urbanos da atualidade, a ponto de ter-se tornado objeto de proposições técnicas para seu enfrentamento e alvo privilegiado de programas de educação ambiental na escola brasileira.

No entanto, como apontando pelo autor, apesar da complexidade do tema, muitos programas de educação ambiental na escola são implementados de modo reducionista, já que, em função da reciclagem, desenvolvem apenas a Coleta Seletiva de Lixo, em detrimento de uma reflexão crítica e abrangente a respeito dos valores culturais da sociedade de consumo, do consumismo, do industrialismo, do modo de produção capitalista e dos aspectos políticos e econômicos da questão do lixo. Vários trabalhos de coleta seletiva, são realizados sem uma contextualização sobre a existência da coleta seletiva no município, ou seja, muitos trabalhos são isolados da realidade, sendo realizado apenas no âmbito escolar e depois todo os resíduos separados na escola são misturados nos caminhões de lixo e levados para o lixão.

Layarargues (2002), aponta que a despeito dessa tendência pragmática, pouco esforço tem sido dedicado à análise do significado ideológico da reciclagem e suas implicações para a educação ambiental conservacionista que está mais preocupada com a promoção de uma mudança comportamental sobre a técnica da disposição domiciliar do lixo (coleta convencional x coleta seletiva) do que com a reflexão sobre a mudança dos valores culturais que sustentam o estilo de produção e consumo da sociedade moderna.

Todo ano são realizados vários trabalhos no ambiente escolar com a temática lixo, e a maioria desses trabalhos enfatizam somente a coleta seletiva e a reciclagem, não abordam o tema principal que gera todo o lixo, o consumo/consumismo. Muitos desses trabalhos são publicados em congressos e revistas científicas, e necessitam demonstrar em seus objetivos a problemática do consumismo.

No trabalho de Oliveira e colaboradores (2013, p. 2):

Objetivou-se com este projeto conscientizar as crianças de que qualquer ser humano é um produtor de lixo, bem como fazer com que as crianças percebam que sua família e amigos também produzem lixo. Faz parte também dos objetivos deste projeto, mostrar as crianças



que os resíduos gerados na sua casa são passíveis de reciclagem e podem se transformar em brinquedos e jogos.

Vieira e Teixeira (2015, p. 2), enfatizaram que:

Sendo a coleta seletiva e a reciclagem muito importante na conservação e preservação do meio ambiente, para serem bem feitas necessita-se de um trabalho educacional de sensibilização e conscientização. Logo, o ambiente escolar torna-se propício para fazer reflexões estimulando os alunos a mudarem as suas atitudes com relação às questões ambientais.

Os trabalhos expostos exemplificaram suas argumentações com a prática de EA com a reciclagem do lixo, de acordo com Layrargues (2005), não se deve desmerecer essa questão, mas se deve tomá-la como tema-gerador de um debate necessário para a sua ressignificação, tomando-se certo cuidado também para que não se caia em tecnicismo limpo e eficiente, ou seja, recicla-se ou reaproveita-se e não se reduz nem a produção nem o consumo, e os debates sobre os porquês ficam dentro desses limites.

O foco dos objetivos não se referiram ao modelo societário atual e ao consumismo, a autora desse artigo já participou de trabalhos cujo objetivo não refletia e questionava o modelo societário vigente, e essa é a prática educativa que se insere no ambiente escolar com a lógica da metodologia da resolução de problemas ambientais locais de modo pragmático, tornando a reciclagem do lixo uma atividade-fim, ao invés de considerá-la um tema-gerador para o questionamento das causas e consequências da questão do lixo, remete-nos de forma alienada à discussão dos aspectos técnicos da reciclagem, evadindo-se da dimensão política e da educação ambiental Crítica (LAYRARGUES, 2005).

Segundo Loureiro (2005) a EA Crítica é:

O desafio para a consolidação de uma cidadania substantiva e direta (que) reside na capacidade de publicizar as instituições formais, de estabelecer práticas democráticas cotidianas, de promover uma escola capaz de levar o aluno a refletir criticamente sobre seu ambiente de vida e de consolidar uma 'cultura de cidadania', nos planos local, regional ou internacional, articulada aos processos de transformação sistêmica (LOUREIRO, 2005, p. 75).

A EA Crítica é proposta de um modelo societário divergente do atual, afinal o modelo atual, ou seja, o capitalismo, no qual o capital se forma quando o dinheiro visa mais dinheiro, traz consequências ambientais. Mediante o exposto, emergiu alguns questionamentos, tais como: Houve uma mudança do homem em relação ao sentido da Terra com o capitalismo? O consumo exacerbado foi gerado pelo capitalismo, a reciclagem é produto desse consumismo?



Como conduzir uma educação ambiental como base de enfrentamento ao desejo de consumo ostentada pelo capitalismo?

Mediante essas questões, o presente artigo é um trabalho teórico que visa discutir sobre a reciclagem ser um produto gerado pelo consumismo, para compreender essa questão dialogou-se com autores que aproximaram suas discussões ao marxismo, com intuito de refletir se com o surgimento do capitalismo ocorreu uma mudança do homem em relação ao sentido da Terra e como isso gerou o consumismo.

A VISÃO DA NATUREZA COMO PRODUTO

Nos textos de Marx é possível compreender como o homem foi perdendo a relação com a natureza e começou a enxergar apenas como produto. Marx (2004) elucida que em um período da história ocorreu uma diminuição das terras dos camponeses progressivamente e roubo de terras comunais², deixando os camponeses sem terra, esse processo de expropriação ocorreu de forma violenta, resultando a decadência da sociedade feudal, ocasionando o surgimento da sociedade capitalista. Morrone e Machado (2010), afirmam que o capitalismo monopolista teve que destruir e acabar com a pequena propriedade para se constituir enquanto tal, no século XIX, e XX.

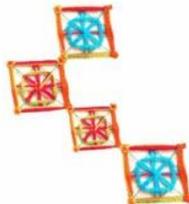
A violência explícita fez surgir uma massa de proletariado devido a concretização da expulsão dos camponeses de suas terras, formando nas cidades os workhouses. Os trabalhadores da terra, ao serem expropriados, não apresentam mais forças para sua vida, não tendo condição para a produção.

O uso da violência foi uma coação da acumulação primitiva da sociedade, induzindo todos a adaptarem ao sistema proposto. Para que essa massa de pessoas, que se deslocou para as cidades não se mantivesse na vadiagem, surgem conjuntos de leis que obrigam as pessoas a manterem uma forma de trabalho. Garantindo a partir daí, aos burgueses a venda da sua força de trabalho. Fazendo da força de trabalho uma mercadoria, recebendo valores irrisórios.

De acordo com Stengers (2015), Marx associa a expropriação das terras comunais com a acumulação primitiva de capital.

A grande massa dos pobres, agora despojada de qualquer vínculo, vai ser explorada sem piedade pelas indústrias nascentes, sem que se leve em conta a “reprodução da força de trabalho”: os pobres podem morrer trabalhando, sempre haverá outros. (STENGERS, 2015, p. 73)

² Área do feudo de uso coletivo. Eram os bosques, florestas e pastos. De acordo com Marx (2010), são terras que pastavam o gado e que fornecia também combustíveis, como lenha, turfa, etc.



Com isso, o homem perde o elo com a natureza, desvalorizando seu espaço, e começa a vê-la simplesmente como um meio de produção, no qual deve explorar para obter lucros. Morrone e Machado (2010), em seu trabalho enfatizam que a natureza, é vista como substrato de produção, que se modifica pelo ser humano para seu benefício, para manter e melhorar suas condições de vida. Com isso, quanto mais os humanos ampliam seu domínio sobre a natureza mais aumentam o distanciamento dela. Tal afirmação corrobora com os textos de Marx.

Segundo Marx (2004):

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, afim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potencias nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2004, p. 124).

Rodrigues e Guimarães (2011), contribui enfatizando que nessa separação entre o ser humano e o produto de seu próprio trabalho, reflete-se a separação entre aquele e a natureza, até porque a natureza é a fonte dos valores de uso e, mormente, é sobre ela e sobre si mesmo que atua o ser humano com o trabalho. De acordo com Marx (2004):

Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80)

É somente a partir da compreensão da relação estabelecida pelo capitalismo entre o homem e a natureza, é possível propor atividades de EA crítica. Morrone e Machado (2010), afirma que:

O exercício de verificar como é abordada a questão da natureza nas obras de Marx, em nosso entender, contribui com a Educação Ambiental (EA), ao aprofundamento dos fundamentos da Educação Ambiental e à produção de abordagens crítica e emancipatórias, seja na superação das relações sociais que nos colocam como superiores, e, portanto, passíveis de exploração sem fim da natureza e dos demais seres vivos, bem como, ao contrário, das possibilidades de sua



superação (seja destas relações sociais bem como do sistema as quais as mesmas estão consubstanciadas).

As relações que o ser humano estabeleceu com a natureza em virtude do modo de produção capitalista (pode-se ressaltar, por exemplo, a ideia de progresso desenfreado a partir do desenvolvimento tecnológico e da “dominação” sobre a natureza, o que acaba por privilegiar uma minoria) naturalizaram-se, a ponto de não se reconhecerem ou se pensarem outras formas de se relacionar (RODRIGUES; GUIMARÃES, 2011). Assim, se as relações sociais se materializam nas relações entre as mercadorias e acabam se materializando nas relações com a natureza, não há como desvincular a discussão ambiental da análise crítica e histórica acerca do modelo atual.

Segundo Rodrigues e Guimarães (2011), fica claro que a educação pode ser um mecanismo de dominação ideológica para a manutenção da ordem social vigente, assim como, em contrapartida, pode ser um mecanismo para a disputa desse campo por meio de forças contra-hegemônicas.

No processo de dominação ideológica, ocorre o afastamento total do gozo espontâneo da vida. Levando o indivíduo a se tornar cada vez mais, mesmo nas horas de distração, alienado e individualista. Consequentemente, sem critérios para a busca de uma melhor qualidade de vida. Resultando na falta de pensar em uma sociedade com menos problemas ambientais.

Nesse sentido Stegenrs (2015), enfatiza que o que Marx chamou de “capitalismo” não traduz a avidez dos homens, seu egoísmo e sua incapacidade de questionar o futuro e o processo de produção.

Para Safatle (2008), o desenvolvimento tecnológico em crescimento exponencial e o aumento da produtividade induz a redução do envolvimento dos sujeitos diretamente nos processos de produção. Ou seja, será que podemos nos perguntar qual envolvimento que estabelecemos com o bens naturais ou a relação com o acúmulo e desperdício. Não da para falar em educação ambiental sem questionar o consumo, e colocá-lo em xeque é questionar os sujeitos e subjetividades que caracterizam o desejo do consumo, e os meios pelo qual o capitalismo incide e manipula o desejo de consumir.

Nessa compreensão é necessário perceber como a sociedade capitalista se organiza no intuito de ostentar o consumo. Os apelos e o investimento para que cada vez mais o próprio capitalismo fomenta a sua ordem capital.



Como ressalta, Safatle (2008), o incentivo ao consumo gera o problema econômico central. Assim, no lugar da sociedade da produção, deve se compreender a sociedade contemporânea, a partir da temática da sociedade do consumo, no sentido de que problemas vinculados ao consumo acabam por direcionar todas as formas de interação social e desenvolvimento subjetivo. Se o sujeito se envolve cada vez menos no processo de produção, como ele perceberá a matéria prima. O distanciamento do processo leva ao sujeito a alienação da produção e desapego com a matéria, seu investimento de gozo é no objeto.

De acordo com Layrargues (2005), o problema é que atualmente o consumismo é visto também como responsável por uma série de problemas ambientais, e desse modo, não pode mais ser compreendido unicamente como sinônimo de felicidade.

PROBLEMÁTICA AMBIENTAL: RECICLAGEM PRODUTO DO CONSUMISMO

Devido ao consumo exacerbado induzido e produzido pelo sistema societário vigente, o capitalismo, surge a reciclagem como algo que poderá minimizar os impactos ambientais produzidos pelo aumento do lixo. Porém o problema vai além de reciclar, é necessário refletir e questionar a necessidade do consumo exagerado e a vida produtos, pois os bens de consumo têm se tornado obsoletos rapidamente e cada vez mais se tornam funcionalmente inúteis após saírem das fábricas.

Vivemos em uma sociedade que os governantes estimulam o consumo, no qual afirmam que é necessário consumir pois o crescimento depende disso. (STENGERS, 2015).

Segundo Layrargues (2005), a vida útil dos produtos torna-se cada vez mais curta, e nem poderia ser diferente, pois há uma união entre a obsolescência planejada e a criação de demandas artificiais no capitalismo. É a obsolescência planejada simbólica, que induza ilusão de que a vida útil do produto se esgotou, mesmo que ele ainda esteja em perfeitas condições de uso. Hoje, mesmo que um determinado produto ainda esteja dentro do prazo de sua vida útil, do ponto de vista funcional, simbolicamente já está ultrapassado. A moda e a propaganda provocam um verdadeiro desvio da função primária dos produtos. Ocorre que a obsolescência planejada e a descartabilidade são hoje elementos vitais para o modo de produção capitalista, por isso encontram-se presentes tanto no plano material como simbólico.

O consumismo produzido pelo capitalismo se tornou cultural, assim o gozo, ou seja, o prazer pela contemplação da natureza se perdeu ao longo da história e a satisfação humana se caracterizou em exercer poder sobre a natureza. A posse de bens materiais trouxe alguns



problemas ambientais, como grande volume de lixo e o descarte do mesmo gerou a poluição do solo, ar e águas. De acordo Stengers (2015):

Sabemos que novas mensagens já afetam o infeliz consumidor, que supostamente devia confiança no crescimento, mas está sendo igualmente convidado a medir sua pegada ecológica, ou seja, o caráter irresponsável e egoísta de seu modo de consumo. (STENGERS, 2015, p. 11).

Como solução para minimizar os impactos gerados pelo lixo, a sociedade ao invés de questionar o consumo, propõe a reciclagem. Essa cultura é refletida no ambiente escolar, sendo que a maioria dos projetos de Educação Ambiental na escola que abordam o tema lixo, visam apenas coleta seletiva e reciclagem. Contudo, segundo Layaargues (2005), trata-se de uma falsa segurança, que significa a alienação da realidade, a qual cumpre a função de gerar a sensação de que um comportamento ambientalmente correto - a reciclagem – contribuirá para a resolução de um problema, quando, na verdade, camufla a crítica ao consumismo e, além de tudo, reforça as estratégias de concentração de renda. Com isso, mantém-se a ideia de reciclar para não se reduzir o consumo. Afinal, a reciclagem representa, além da salvação da cultura do consumismo, a permanência da estratégia produtiva da descartabilidade e da obsolescência planejada, permitindo a manutenção do caráter expansionista do capitalismo. Ainda de acordo com Layaargues (2005, p.):

A reciclagem pode mesmo ser o traço de união entre produção e consumo, mas é também a alienação do consumismo como fator de degradação ambiental e engrenagem dos mecanismos sociais de acumulação de capital e concentração de renda. O ato de reciclar, atualmente, ainda significa muito pouco em relação à melhoria ambiental, mas isso não quer dizer que a ideia da reciclagem deva ser abandonada; ao contrário, essa constatação evidencia o tamanho do desafio que há pela frente.

Os projetos de Educação Ambiental que abordam o tema lixo, devem ir além da coleta seletiva e da reciclagem, surge a necessidade que se trabalhem o consumismo como grande vilão na geração do grande volume de lixo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante desse contexto retomamos a questão: como conduzir uma educação ambiental como base de enfrentamento ao desejo de consumo ostentada pelo capitalismo? Com uma



educação que vise romper barreiras e entraves da reprodução social dentro de seu processo ensino-aprendizagem, da sua estrutura curricular e da própria relação com os educandos.

De acordo com Layrargues (2005, p. 19),

A educação é apontada ingenuamente como solução para tudo, como se fosse um mero instrumento de socialização. Mas é também, por intermédio da escola, um instrumento de dominação, de manutenção da ideologia hegemônica e dos interesses da classe dominante, em luta contra as forças contra-hegemônicas. A educação é um aparelho ideológico que se torna palco permanente de conflito entre interesses conservadores e libertários. E cada ação cotidiana, cada projeto, como os programas de Coleta Seletiva de Lixo nas escolas, carregam uma determinada filiação ideológica, ainda que não intencional.

Sendo assim, além da construção de valores, atitudes, conceitos e habilidades, que propõe a EA, tem que se tentar implementar um padrão civilizacional e societário diverso do atual e que ressignifique as relações entre ser humano e natureza. Pensando dessa forma, há de se reconhecer que a crise socioambiental é mais do que o reconhecimento de que o modo de produção capitalista tem limites, mas é a clareza da urgência de se pensar outra forma de produção material da vida.

Porém o investimento em ações que conduzem ao questionamento a ordem capitalista, ou de forma, específica sobre o consumo desmedido e outras formas de viver em torno do capital são relevantes ou dignas de bandeiras.

A história e a cultura social trazem que do meio ambiente devemos somente explorar e obter lucros, isso dificulta o ensino de Educação Ambiental, pois o homem perdeu o elo com meio ambiente, afinal ele faz parte dele e é necessário reconhecer.

Essa situação é vista dentro da escola, e se apresenta como um dos entraves da Educação Ambiental crítica. Porém a EA vem adquirindo grande importância no mundo, sendo hoje cada vez mais pertinente e necessário que os currículos escolares busquem desenvolver conteúdos e práticas a ela integrados. É necessária uma educação contra-hegemônica, que contribua para a formação de um sujeito reflexivo, capaz de enfrentar a ordem social e agir ativamente na diminuição do processo de degradação ambiental. A fim de estabelecer uma efetiva interação socioambiental.

REFERÊNCIAS:

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais.** Campinas: Papyrus, 2004.



LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. B. F.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. 176p.

_____, **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, v. 16, 2010.

MORRONE, E. C.; MACHADO, C. R. da S. A NATUREZA EM MARX E ENGELS: Contribuição ao debate da questão ambiental na atualidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 24, p.59-69, 2010.

OLIVEIRA, G. R.; MOREIRA, M. T.; TEIXEIRA, C.; NARCISO, T. M. Na boca do lixo: aliando a educação ambiental ao ensino básico. In: X Congresso Nacional de Meio Ambiente. 10.; X Congresso Nacional de Meio Ambiente, 10., 2013, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: IFSULDEMINAS. p. 1-6. 2013.

QUEIROZ, E. D. **Caminhos para a inserção da dimensão socioambiental na formação inicial de educadores: possibilidades e obstáculos encontrados**. 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1397_int.pdf. Acesso em: 23 outubro de 2015.

RODRIGUES, J. do N.; GUIMARÃES, M. Algumas contribuições marxistas à Educação Ambiental (EA) crítico-transformadora. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 501-518, set./dez. 2011.

SAFATLE, V. P. Por uma crítica da economia libidinal. **Revista Ide**. São Paulo, v. 46, p. 27-37, 2008.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 160 p.

VIEIRA, S. R.; TEIXEIRA, C. Educação ambiental: coleta seletiva e reciclagem no ambiente escolar. In: XII Congresso Nacional de Meio Ambiente. 12.; XII Congresso Nacional de Meio Ambiente, 10., 2015, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: IFSULDEMINAS. p. 1-6. 2015.